



## A PEDAGOGIA VAI AO LIXO DAS PESSOAS E ÀS PESSOAS DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO JUNTO A RECICLADORES

Gabriela Albanás Couto\*

Lucídio Bianchetti\*\*

**Resumo:** Por meio deste texto socializamos a experiência de um trabalho realizado junto à Associação de Recicladores Esperança (AREsp), de Florianópolis, SC. O trabalho decorreu de estágio supervisionado, na fase final do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, com o envolvimento das estudantes com os recicladores. Derivou-se disso uma reflexão sobre o que há de pedagógico nesse trabalho que está “para além dos muros da escola”, caracterizando-se como um espaço de educação não formal. Esta “ida” da Pedagogia ao lixo das pessoas e o contato próximo com os que realizam esse trabalho permitiram que se visualizasse como e quanto a separação do lixo encerra um potencial educativo, como elemento pedagógico ímpar para refletir sobre sustentabilidade, meio ambiente, responsabilidade social, criação-descarte e Educação em contextos de vulnerabilidade social. Descrevemos como se deu a integração das estudantes com os recicladores e os aprendizados obtidos com esta experiência. Mostramos, também, como esses trabalhadores, mesmo estando na base da pirâmide social, contribuem sobremaneira para a preservação do meio ambiente ao recuperarem uma parcela importante de matéria-prima, que é encaminhada para a indústria da reciclagem. Por fim discutimos a importância da realização de estágios curriculares em espaços não formais, na perspectiva de alargar o compromisso da universidade com o seu entorno e de os estudantes ampliarem o leque de possibilidades de inserção no mundo do trabalho, radicalizando seu compromisso com os menos favorecidos.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Curso de Pedagogia. Recicladores. Educação e Trabalho.

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. (Larrosa, 2015)

### 1 Introdução

Por meio do presente texto relatamos e discutimos uma experiência de estágio curricular em Pedagogia, que podemos considerar ousada e desafiadora na medida em que envolve uma temática atual e pouco pesquisada e refletida nos ambientes formais de educação, como no caso aqui, da universidade. No artigo explicitamos aspectos do processo e

---

\* Pedagoga pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. Orientadora Educacional na Rede Pública Municipal de Florianópolis, SC.

\*\* Doutor em Educação pela PUC/SP. Professor no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador 1B do CNPq.



resultados deste estágio em Orientação Educacional (OE), no qual acadêmicos do curso de Pedagogia da UFSC e seu orientador optaram por atuar junto à Associação de Recicladores Esperança, Entidade que se situa no Bairro Itacorubi, Florianópolis, próximo à universidade.

Adiantamos que ao falarmos de estágio, de experiência, estamos nos referindo não apenas a uma ação, a uma 'prática'. Concebemos a “experiência” como uma práxis, no amplo leque de possibilidades que o termo encerra, como é explicitado por Larrosa (2015).

Parte do título deste trabalho foi inspirada em um artigo de Lourenço (1990), em que a pesquisadora foi “ao lixo das pessoas” para conhecer “as pessoas do lixo”. Inspirados por essa ideia, buscamos descobrir algo novo para a formação em Pedagogia. A escola, campo de atuação predominante dos pedagogos, hoje, é apenas uma das possibilidades quando se trata de mercado de trabalho para os recém-formados. Hospitais, empresas<sup>1</sup>, organizações não governamentais etc., contam com opções de processos educativos não escolares e/ou não formais, cada vez mais propícios e desafiadores para a atuação pedagógica.

No caso da temática aqui focada, embora a reciclagem do “lixo das pessoas” seja uma prática cada vez mais recorrente na sociedade – amplamente explorada em livros, filmes e publicidade por meios diversos<sup>2</sup> - “as pessoas do lixo” ainda estão longe de ser alvo de políticas públicas educacionais de formação em geral e, especificamente, de capacitação para o trabalho. São grupos heterogêneos, constituídos por jovens, adultos e idosos, geralmente com baixa escolaridade e necessidades evidentes de assistência social e suporte educacional característicos de políticas públicas. Essas pessoas dedicam-se à coleta, à separação e à comercialização dos resíduos que são produzidos diária e constantemente. Por perceber o potencial educativo presente nessa atividade, como se analisará a seguir, optamos por realizar o estágio com os recicladores e conviver com eles para conhecer esta realidade tão distante da universidade.

Como indicamos acima, o local escolhido foi a AREsp, grupo que trabalha na triagem e comercialização de materiais recicláveis recolhidos pelo processo de coleta seletiva

---

<sup>1</sup> Universidades privadas criaram cursos de Pedagogia Empresarial, os quais, inicialmente atraíram muitos “clientes”. Poucos prosperaram, uma vez que há especificidades que, se não forem levadas em conta, acabam por criar um misto de empresa e escola, tornando difícil a explicitação daquilo que cabe a uma e à outra. Há obras críticas sobre esta temática, como por exemplo: Laval (2004) e Quartiero; Bianchetti (2005) e outras laudatórias dessa alternativa, que concebem a empresa como escola ou “organização qualificante ou de aprendizagem”. Cf. Senge (2001 e 2005).

<sup>2</sup> Exemplares são: a) o livro: *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, de Fernando Braga da Costa (2004); b) o filme *Lixo extraordinário*, de João Jardim, Karen Harley, Lucy Walker (Brasil/Reino Unido, 2010) e c) Campanhas como a da Coca-Cola, estrelada pelo catador protagonista do filme *Lixo Extraordinário*, Tião Santos, que ressaltam aspectos relacionados à vulnerabilidade, sustentabilidade etc.



municipal. O trabalho dos recicladores era desenvolvido em um galpão, de propriedade da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), que além de ceder o espaço físico e disponibilizar o material (resíduos), subsidiava alguns gastos da Associação, como os referentes à água e à luz. O galpão pertence à Companhia de Melhoramentos da Capital (COMCAP), empresa de capital misto, responsável pela limpeza urbana do município.

O objetivo geral do estágio foi enriquecer a formação acadêmica com a aproximação das estudantes à realidade social de trabalhadores das profissões consideradas invisíveis (COSTA, 2004) pelo baixo status social – com poucos retornos materiais e simbólicos, como diria Bourdieu (1974) –, e, desta forma, desenvolver outras possibilidades de atuação pedagógica para além dos muros da escola. Entre os objetivos específicos destacam-se o desenvolvimento de atividades pedagógicas, lúdicas e de sociabilidade com os recicladores. Ressaltamos que, a partir destes objetivos, um dos 'subprodutos', foi a realização de um documentário com depoimentos dos recicladores e reflexões sobre a Educação Ambiental na cidade de Florianópolis. Este é um exemplo que evidencia o quanto o planejado anteriormente, nas salas de aula da universidade, ao confrontar-se teoria e empiria, no processo pode trazer surpresas e exigir redirecionamentos, de tal forma que atividades previstas não foram realizadas e outras impuseram-se. Todas estas ações serão detalhadas no decorrer do texto.

Deste modo, analisamos que espaço o estágio ocupa na formação do pedagogo e no caso específico aqui focalizado, na habilitação em OE na UFSC, passando a descrever como foi o percurso da universidade até o espaço onde o estágio seria realizado e como se deu acolhida das estagiárias dos envolvidos no processo. Discutiremos as opções metodológicas que foram sendo assumidas no decorrer do estágio e quais os limites e possibilidades da atuação pedagógica das estagiárias naquele espaço, para então analisar os resultados alcançados por esta ação.

## **2 Apresentação do estágio no currículo do curso de Pedagogia da UFSC**

O curso de Pedagogia da UFSC, quando da realização desta “experiência”, contava com quatro habilitações no último ano de formação. Cada uma delas organizava-se a partir de um semestre de disciplinas específicas e outro de estágio supervisionado. As habilitações eram em: Educação Infantil, Educação Especial, Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Nesta última, uma das disciplinas da grade curricular, “Educação e Trabalho”, objetivava debater questões relacionadas ao mundo do trabalho e sua interface com a



educação. Para a consecução dos objetivos desta, encaminhou-se uma pesquisa empírica sobre profissões com baixo status social, consideradas pela literatura como “profissões invisíveis”.

A leitura de Costa (2004) nos introduziu à questão da “invisibilidade” da profissão/atividade em foco. Ao vestir o uniforme de gari e passar dez anos trabalhando em atividades de limpeza e manutenção na Cidade Universitária da USP, o autor concluiu que algumas profissões são socialmente invisíveis e que seus trabalhadores “tem sua própria humanidade ignorada”. Para compreender como ocorre o processo de “humilhação social” (p. 63) por meio do trabalho invisível, foi proposta uma atividade na disciplina Educação e Trabalho, a qual consistia em entrevistar trabalhadores que vivem nesse contexto e conviver por um dia ou turno de trabalho com aquela pessoa, observando e descrevendo todos os aspectos envolvidos na execução de seu trabalho. Para tanto, optou-se por ampliar o olhar para além da questão da invisibilidade social como estigma de determinadas profissões. Por ocasião do desenvolvimento desta proposta de trabalho, chegamos a um grupo de recicladores, o que nos possibilitou olhar, também, para as questões ambientais, principalmente com relação à geração e destinação de resíduos sólidos. O acompanhamento do trabalho dos recicladores propiciou a abertura de um novo campo de estágio na habilitação em Orientação Educacional, que se manteve nos semestres seguintes. Dessa forma, surgiu uma proposta de pesquisa-ação, na perspectiva de Thiollent (1996) ainda inédita no interior desse curso de Pedagogia, e bastante desafiadora para todos os envolvidos – estudantes, orientador e sujeitos participantes do processo de reciclagem.

### **3 Percursos: da universidade ao lixo das pessoas e às pessoas do lixo**

Durante o primeiro semestre da habilitação em OE, aproximamo-nos do campo de estágio. Uma primeira visita feita à Central de Transferência de Resíduos Sólidos (CETRES)<sup>3</sup>, onde se localizava o galpão de reciclagem, aliada à leitura de Costa (2004) e de autores que analisam as relações de degradação do trabalho na sociedade atual, como é o caso da temática de Alves (2011), na obra *Trabalho e subjetividade*, nos desafiaram a desenvolver um trabalho com os garis. No entanto, em reuniões com a equipe da COMCAP, que nos acompanhava no estágio, foi-nos sugerido que trabalhássemos com os dois grupos de catadores organizados que atuavam na cidade. Um dos grupos era composto por cerca de 100 pessoas que coletavam

---

<sup>3</sup> A Central de Transferência de Resíduos Sólidos – CETRES – faz parte da estrutura da COMCAP. Trata-se de uma área recuperada do antigo lixão municipal, onde hoje os caminhões da coleta regular descarregam o lixo em carretas maiores, que o transferem para o aterro sanitário fora do município. A CETRES abriga ainda o Museu do Lixo, uma estação de Educação Ambiental e, na época do estágio, abrigava também a AREsp.



material reciclável na região central, principalmente junto aos empreendimentos comerciais, e o triavam sob uma das pontes de acesso à Ilha. O segundo grupo contava com cerca de 30 pessoas que recebiam o material vindo da coleta seletiva municipal e fazia a triagem em uma esteira mecanizada, a qual se localizava em um galpão no Bairro Itacorubi.

Para nos aproximarmos da questão da gestão de resíduos, principalmente, com a presença de catadores, buscamos participar de eventos (oficinas, painéis, debates, palestras) sobre o assunto, paralelamente ao desenvolvimento das leituras. Com algumas visitas aos dois grupos de catadores/recicladores<sup>4</sup>, percebemos que havia grande demanda por formação voltada ao trabalho, devido à baixa escolaridade dos sujeitos e à consequente dificuldade que apresentavam na realização de atividades que envolvem habilidades de leitura e escrita. Pode-se elencar algumas dessas atividades, tais como organizar assembleias e outros momentos coletivos, escrever as atas das assembleias e reuniões, fazer contato com os compradores de material, elaborar o livro-caixa, pesar o material e registrar o volume de vendas, organizar a partilha do dinheiro no final da quinzena de trabalho, entre outras tantas demandas dessa natureza. Ao captar estas necessidades, pensamos em formular um curso básico de alfabetização utilizando metodologia de educação de adultos baseada em Paulo Freire (1988 e 1977). Seguindo os princípios freireanos, capturaríamos<sup>5</sup> o *universo vocabular* dos recicladores e utilizaríamos *palavras geradoras* para iniciar a alfabetização.

Para tanto, formulamos um roteiro de entrevista semiestruturada para conhecermos quais seriam as necessidades formativas mais prementes para estes sujeitos, a fim de subsidiar a elaboração do projeto de intervenção, que seria o estágio propriamente dito.

No entanto, não foi possível realizar as entrevistas com o primeiro grupo, da região central, pois trabalhavam o dia inteiro nas ruas puxando suas carroças e só passavam pelo galpão para descarregar o material. Ganhavam por produção e não recebiam apoio do poder público municipal, dependendo apenas de esforço pessoal para obter alguma renda. Este grupo não se configurava como cooperativa; eram empreendedores individuais que em comum só tinham o espaço e os equipamentos que dividiam (balança, prensa, caçambas). Faziam a venda de maneira coletiva para conseguir melhores preços mediante a exploração

---

<sup>4</sup> Optamos por denominar o grupo de recicladores, não catadores, pois o grupo escolhido para a realização do estágio não saía às ruas para a catação, mas recebia o material em seu galpão. Além disto, eles próprios denominavam-se “recicladores”.

<sup>5</sup> Utilizamos aqui o verbo no futuro, uma vez que estávamos na fase de planejamento do estágio. Como vimos, no decorrer da realização, atividades se impuseram e outras tiveram que ser abandonadas.



dos compradores de material, porém, cada um recebia de acordo com sua produção individual.

Ao realizarmos as entrevistas com o grupo da AREsp, no entanto, encontramos um ambiente muito mais propício para o desenvolvimento do estágio. Isto porque, para este grupo, a destinação dos resíduos por parte da prefeitura garantia-lhes um ganho mínimo para sua sobrevivência. Todos os dias três caminhões lotados de materiais recicláveis eram descarregados no galpão. Embora fosse um trabalho precário e incessante, as condições deste grupo eram um pouco mais favoráveis em relação às do primeiro, pois lhes poupava a necessidade de sair para a coleta.

Já no primeiro dia de realização de entrevistas surgiu a ideia de trabalharmos junto a eles na “esteira rolante”, por onde passam os materiais a serem separados. Desta forma estaríamos experimentando, ainda em uma proporção muito pequena, um pouco daquilo que vivenciam diariamente. Ao fazermos a proposta de trabalhar na esteira, ouvimos da tesoureira da Associação que não conseguiríamos trabalhar com o “lixo”: “o que vocês vão fazer aqui?”. Consideramos o questionamento como um desafio que nos serviu de mote para iniciarmos o trabalho junto a eles. Tínhamos que responder esta pergunta, bem como nossa própria questão: qual o papel da universidade naquele espaço? O que poderia haver de pedagógico ali, em meio ao “lixo das pessoas” e no dia a dia das “pessoas do lixo”?

#### **4 Local do estágio: a Associação de Recicladores Esperança – AREsp**

A AREsp foi fundada em 1999, numa parceria entre a PMF, a Escola Técnica Federal de Santa Catarina (atualmente IFSC) e a COMCAP. Na ocasião do estágio trabalhavam lá cerca de 30 pessoas, número flutuante devido à alta rotatividade entre os recicladores. A principal atividade era a triagem do material, realizada em torno de uma “esteira rolante”, à semelhança das “esteiras” classicamente utilizadas em linha de produção fabril. O material separado era prensado e enfardado, com a exceção do vidro (quebrado manualmente ou vendido por unidade). A Associação era administrada pelos próprios recicladores, que anualmente elegiam uma diretoria, responsável, entre outras tarefas, pela partilha do (parco) lucro das vendas dos materiais reciclados.

A centralidade espaço era ocupada pela “esteira rolante”, ao lado da qual se distribuíam homens e mulheres. O espaço térreo do galpão também abrigava dois banheiros, um pequeno escritório, área para prensagem/enfardamento e estoque do material, mesas para almoço e um pequeno espaço para descanso. No mezanino havia uma cozinha onde uma das



associadas preparava diariamente as refeições para todos os demais com alimentos comprados com recursos próprios da Associação. O chão da cozinha era coberto por carpetes, também oriundos dos materiais recebidos para a reciclagem. Este era o espaço mais respeitado pelos associados que, ao entrarem, deixavam seus calçados do lado de fora para manter a limpeza do lugar onde eram feitas as refeições. Local de trabalho e de convivência se confundiam, e tudo o que era utilizado em termos de móveis e utensílios originava-se do que vinha no material descartado pelas pessoas. Nas paredes a decoração era personalizada, feita por eles mesmos, com muitos objetos, fotos, quadros, murais e cartazes encontrados também entre os materiais, o que, segundo Codo (1993) seria uma forma de “afetivar o local de trabalho”. Não havia calçamento em volta do galpão e quando chovia a lama atrapalhava o movimento dos carrinhos de mão que transportavam o material do galpão para a parte externa, sujando todo o espaço e aumentando o risco de acidentes.

Condições ruins de trabalho atestavam precariedade em todas as dimensões. O local como um todo era muito sujo e malcheiroso e oferecia vários riscos à saúde e à segurança dos trabalhadores. Percebemos, no entanto, certa naturalização dessas condições; parecia-nos que haviam criado uma espécie de zona de conforto.

## **5 Metodologia adotada e objetivos do trabalho**

O estágio constituiu-se como pesquisa participativa (BRANDÃO, 1981) e pesquisa-ação (THIOLLENT, 1997), com interação direta das estudantes no trabalho realizado pelos recicladores, vivenciando o seu cotidiano e sua relação com os resíduos. Ao juntar pesquisa participante com ação estávamos buscando evidenciar que a nossa presença junto aos recicladores não era apenas de quem estava observando, mas fazendo junto, para experimentar um pouco de sua realidade e estabelecer um diálogo mais próximo (GONÇALVES FILHO, *apud* COSTA, 2004).

O objetivo central do trabalho foi o de enriquecer nossa formação acadêmica e pessoal a partir do contato com esse grupo social, que possui saberes e experiências específicas do tipo de atividade que executam, apesar da degradação a que estão submetidos. Queríamos saber: quem são? Quais são seus sonhos? O que pensam sobre si mesmos e sobre seu trabalho? Estas perguntas, entre outras, nortearam toda a intervenção.

Como objetivos específicos, havia a intenção de realizar um curso de alfabetização voltado à realidade profissional deles, que contava com a construção de uma cartilha com base nas questões que o trabalho suscitava. Como será descrito mais adiante, no decorrer do



trabalho surgiram outros objetivos específicos, como a realização de atividades pedagógicas, lúdicas e de sociabilidade, além do registro dos depoimentos e dia a dia do trabalho em um documentário.

Em todo tempo o trabalho foi guiado no sentido de encontrar as respostas na medida em que convivíamos com eles, sempre na tentativa de devolver, de forma sistematizada, aquilo que nos era disponibilizado de forma desorganizada, os saberes da sua prática (FREIRE, 1988).

## **6 Esteira rolante: o coração da Associação**

Assim como em boa parte dos empreendimentos de recicladores pelo Brasil, o processo de triagem na AREsp era feito sobre uma esteira rolante. Em uma das pontas eram depositados os materiais vindos da coleta. Na outra ponta saía o rejeito (material não reciclável ou sem valor comercial). Nesse processo, os recicladores, viam o “mundo do consumo” passar diante dos seus olhos.

A esteira desempenha um papel central nas cooperativas e grupos de catadores. Costumam referir-se à ela como sendo “o coração da cooperativa”, conforme estudo realizado por Couto (2012). No entanto, as características deste modo de organização do trabalho poderiam ser consideradas como “pré-fordistas” – em oposição ao estágio pós-fordista ou toyotista (ALVES, 2011) predominante atualmente – fazendo uma referência aos modos de organização da produção nas fábricas no final do século XIX. A esteira dá um aspecto de processo “fabril”, porém, no caso da AREsp, seu ritmo de funcionamento era controlado pelos próprios trabalhadores, que a ligavam e desligavam de acordo com as necessidades do grupo. Havia uma grande contradição nisso, pois, por um lado, o trabalho aproximava-se de um processo fabril, nos moldes de uma “linha de produção”, mas, por outro lado, gerava-se falsa sensação de liberdade ao ter o ritmo imposto por eles mesmos. Isto porque, ao ganharem por produção, não havia possibilidade de pausas e intervalos sem que houvesse reflexo direto em sua renda, a despeito da “liberdade” que existia ao operar o sistema de trabalho.

Os recicladores exploram o desfile diário, sobre a esteira em movimento, do mundo do consumo “já consumido”. Essas pessoas têm contato com o consumo por meio do lixo de outros.

O contato direto com o lixo, o contato do corpo com o lixo – lixo que não pertence nem foi fabricado pelos garís, matéria desprezada por terceiros, constitui uma das formas pelas quais esses homens entram em contato com o mundo (...). Objetos e dejetos desprezados por outras pessoas são uma das maneiras – não a única, talvez a mais frequente e intensa, carregada – através das quais esses trabalhadores se





relacionam com pessoas a quem atendem. Esses homens entram em contato com outros homens através do lixo de outrem. (COSTA, 2004, p. 203-4).

Pela esteira passa todo tipo de resíduos, aproveitáveis e descartáveis. As “pessoas do lixo” apropriam-se deles de todas as formas: pelo consumo daquilo que vem no lixo: alimentação (geralmente em estado de putrefação), vestuário, objetos de decoração e a própria renda decorrente da venda da reciclagem. Conforme depoimento de uma recicladora:

Eu tenho orgulho de trabalhar com o lixo, porque pra mim não é lixo, é ouro. Eu tiro daqui o meu sustento e da minha família e pago as minhas contas. Então pra mim isso é ouro, é luxo, não lixo (...). Eu tenho mais de 20 pares de sapatos, daqueles sapato bico fino, “mule”, sapato de camurça, botas. Eu tenho uma caixa de TV cheia de sapato, de cinto, eu posso colocar cada dia o sapato combinando com o cinto. Às vezes eu venho trabalhar com tudo da AREsp, tudo da reciclagem: sapato, calça, blusa, roupas íntimas, brincos – tudo que eu encontrei aqui nos materiais recicláveis. (sic)

Dada a importância da esteira rolante para os recicladores, foi acertada a opção de trabalhar diretamente ao lado deles e foi este, também, o fator facilitador de todo o envolvimento posterior. Propusemos-lhes uma troca em que eles nos ensinariam a “reciclar” e nós os ensinaríamos a ler e a escrever. Ambas as partes – estagiárias e recicladores – alternariam os papéis de educador e educando, conforme suas especialidades. Assim, diariamente, pelo período de um mês, tivemos a oportunidade de aprender com eles os saberes da prática da reciclagem.

Durante a experiência de trabalho na esteira, ouvíamos as conversas, as brincadeiras de uns com os outros, as músicas que cantavam. Vivenciamos aquele ambiente com todos os nossos sentidos. Aos poucos eles interagiam mais conosco, ensinando-nos o processo de trabalho. Também contavam problemas pessoais, e demonstravam interesse pela nossa vida, perguntando sobre nossas famílias, gostos etc.

## **7 Resultados: entre o proposto e o executado**

Ao longo da convivência tanto na esteira quanto em outros espaços, nos demos conta de que, naquele momento, o curso de alfabetização, pensado inicialmente, não seria possível de ser realizado. Notamos que uma ação educacional desse tipo, ainda que introdutória, demandaria tempo e disponibilidade de ambas as partes. Se por um lado percebíamos que o prazo do estágio era curto e limitado para desenvolver o trabalho, por outro, eles nos mostravam que também não tinham disponibilidade. Ganhavam por produção, em um sistema que lhes impunha um ritmo de trabalho que não permitia pensar a médio e longo prazos. A esteira parada representava alguns reais a menos ao final da quinzena, e tudo era medido por



eles como “hora trabalhada”. Ainda que as aulas lhes proporcionassem ganhos indiretos e a longo prazo, como maior apropriação do próprio processo de trabalho e da cultura escrita, por exemplo, a necessidade premente de produzir a própria existência não permitia que parassem a esteira para nos acompanhar. Ainda assim, inviabilizado o curso de alfabetização, a proposta de *troca de saberes* foi mantida.

Até então, um dos objetivos do estágio era a elaboração de uma “cartilha” de alfabetização voltada para os saberes dos catadores e a realização de um curso introdutório de alfabetização, com cerca de dois meses de duração, nos moldes das “40 horas de Angicos” (PELANDRÉ, 2005), conforme a experiência de Paulo Freire no Rio Grande do Norte em 1963. No entanto, a realidade foi mostrando os limites da proposta. Percebemos que o “tempo da academia” e o “tempo da realidade” não são os mesmos. Assim, ao redesenhar o plano de trabalho, buscamos trazer o que consideramos ser relevante diante da realidade que se apresentava: um projeto de breves oficinas pedagógicas com o tema “Identidade”. O objetivo principal das oficinas era a valorização da identidade pessoal e, sobretudo, profissional dos recicladores. Tratavam de temas como “cadeia produtiva de reciclagem”, a “importância do catador/reciclador para o meio ambiente”, “a luta política dos catadores por reconhecimento social”, entre outros temas dessa natureza. Dividiríamos o grupo em dois, de modo que a esteira de produção não ficasse parada.

No entanto, mais uma vez – e esse foi um dos grandes aprendizados da experiência deste estágio – houve um descompasso entre o planejamento das ações, feito de maneira acadêmica, e a necessidade e realidade do campo em questão. Assim, conseguimos desenvolver apenas as duas primeiras oficinas previstas, embora os participantes tivessem demonstrado grande interesse nos temas propostos e terem sentido-se à vontade ao realizar as atividades apresentadas. Contudo, esbarramos novamente nas limitações impostas pela dinâmica do trabalho na reciclagem. No momento planejado para acontecerem as oficinas, eram poucos os trabalhadores que aceitavam parar seus afazeres para irem, nas palavras deles, “brincar” conosco. Alguns demonstravam muita resistência, argumentando que não era possível parar a produção e que se não fosse para eles “terem aulas” (nos moldes tradicionais), seria perda de tempo.

Diante deste impasse, suspendemos as oficinas, mas prosseguimos trabalhando na esteira. O convívio com os problemas enfrentados no cotidiano dos recicladores, bem como a dificuldade em propor algum tipo de intervenção pedagógica, naquele espaço, fez com que



redirecionássemos as atividades novamente, desta vez ampliando o leque de propostas para vivências sociais, artísticas, culturais e de lazer, que raramente faziam parte de seu cotidiano.

Partimos, então, de um levantamento sobre de que eles precisavam. Havia necessidades básicas a serem supridas – “pré-condições para fazer história”, como diriam Marx e Engels (2007) –, como alimentação, atendimento médico e odontológico, moradia, entre outras. Mas, como afirmava Marx (2012), as necessidades humanas vão do estômago à fantasia, e buscamos investir, então naquelas que os recicladores não conseguiam suprir em seu cotidiano, como momentos de descanso e lazer e atividades artísticas.

Foi nesta perspectiva que atividades variadas foram propostas e, finalmente, realizadas: um passeio de barco, a confecção de um painel de mosaico no entorno galpão e a realização de um documentário com depoimentos dos recicladores.

O passeio foi importante, pois, embora morassem em Florianópolis, cidade localizada em uma ilha, a experiência era inédita para o grupo. O passeio foi organizado com o apoio de dois funcionários da COMCAP. Juntos, em local e situação diferente daquela do trabalho, pudemos nos conectar de outra forma. Os recicladores ficaram muito à vontade, contaram histórias, riram, brincaram. Nos aproximamos ainda mais uns dos outros.

A segunda atividade, o mosaico, técnica que junta cacos de azulejo formando desenhos, teve adesão um pouco menor, pois a oficina de mosaico ficou à disposição deles durante todo o dia, no momento do expediente, e nos intervalos um ou outro aproximava-se para dar sua contribuição – colocar seus caquinhos na parede, dar palpite na pintura, ajudar a escolher as peças etc. Foi uma forma de darmos nossa contribuição àquele espaço, deixando-o um pouco mais colorido e acolhedor. Para essa atividade contamos com a contribuição de duas artistas plásticas e de estudantes do IFSC, apoiadores da Associação.

O documentário, por sua vez, foi realizado com a imprescindível ajuda do cineasta Ricardo Weschenfelder, e inspirado no curta-metragem *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, obra que denuncia a existência de pessoas que se alimentavam de sobras em um lixão localizado em uma das ilhas do Rio Guaíba, próxima a Porto Alegre, RS. Segundo Furtado (192, p. 12):

O ponto de partida do meu filme “Ilha das Flores” foi uma sensação que me provocou desconforto. Não era possível levar todo mundo até a Ilha das Flores para ter a mesma sensação que eu tive, então eu fiz um filme para que as pessoas sentissem o mesmo que eu senti.

Com o documentário objetivamos socializar o que vivenciamos ali, mas, principalmente, dar voz aos recicladores, deixar que eles mostrassem seu trabalho e as



dificuldades que enfrentavam para realizá-lo. E o vídeo, linguagem voltada para o detalhe, para a narrativa das micro-histórias e a representação do cotidiano (Weschenfelder, 2009, p. 58), foi o meio que escolhemos para compartilhar com a universidade e a sociedade como um todo a nossa experiência no galpão da AREsp. O conteúdo do documentário, a partir do depoimento dos recicladores, somado a outras imagens que colhemos sobre iniciativas de educação ambiental relacionadas à reciclagem na cidade de Florianópolis, deu origem ao filme *Mosaico Esperança*<sup>6</sup>, uma referência ao mosaico, que representa a união de vários cacos que, sozinhos, seriam excluídos, descartados, por não possuírem valor. Soltos, seriam apenas resíduos, juntos, formam um lindo desenho. O Mosaico simboliza, portanto, o valor do grupo, e foi esta mensagem que quisemos deixar para aquelas pessoas.

## **8 Conclusão: “Tive que fugir da escola pra aprender essa lição”**

Pode-se criar a expectativa de, ao ler um texto sobre esta temática, apontando para “estágio”, “experiência”, que seriam relatados resultados. No entanto, muito mais do que os resultados apresentados, destacamos a importância do processo, algo que é vivido e de difícil registro, uma vez que, segundo Larrosa (2015, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. E, em nosso caso, o estágio apresenta um leque de significados que nos indicam que a experiência é muito mais do que o 'acontecido' – é o vivido. E que só pode ser vivido, aprendido e apreendido porque nos expusemos ao risco de fazê-lo. Conforme nos fala Larrosa (2015, p. 26),

[o] sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a “posição” (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (...) É incapaz da experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

Ao assumirmos o risco de realizar tão desafiadora proposta, tivemos de lidar com o descompasso entre o planejado e o executado, o tempo da academia e o tempo da realidade, o tempo das estudantes e o tempo dos sujeitos – descompasso demarcado, sobretudo, pela

---

<sup>6</sup> Documentário *Mosaico Esperança*. Gabriela A. Couto, Karine Sulzbacher e Ricardo Weschenfelder. Florianópolis, 2006. Duração: 30 minutos. O documentário foi selecionado para uma mostra de vídeos sobre “Experiências de trabalho”, no decorrer da 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), que se realizou em meados de outubro de 2010 na cidade de Caxambu, MG. Apostamos assim que a visualização do documentário por parte de pesquisadores de universidades do país e do exterior poderia representar um incentivo e um desafio para que trabalhos mais qualificados viessem a ser feitos a partir dessa semente que lançamos no decorrer do estágio do curso de Pedagogia da UFSC junto aos recicladores da AREsp.



divisão de classes. Deste modo, a experiência nos ensinou a assumir uma postura flexível diante das adversidades encontradas no processo, bem como a buscar de forma rápida e criativa saídas pedagógicas para encarar os impasses que se desenhavam e garantir a realização de nossas ações.

Em paralelo à atividade de triagem, realizamos sete entrevistas com os recicladores. Suas histórias e percepções de trabalho e de mundo revelaram o sentimento daqueles nunca incluídos na sociedade, ou precariamente incluídos, como aponta Martins (1997). Ao mesmo tempo, demonstraram a riqueza de pessoas que, antes de aprender, ensinam, com base na sua própria realidade, sua labuta diária, seu suor e suas frustrações. De tudo, o ponto comum levantado entre as conversas e vivências, foi a falta de percepção das próprias potencialidades. Faltava-lhes não só reconhecimento social e apoio do poder público às suas necessidades. Era preciso que eles próprios se empoderassem ao se perceberem como importantes agentes socioambientais que são.

A literatura aponta que os recicladores estão integrados à cadeia produtiva e ao mercado de trabalho, ainda que de forma marginal, por executarem um trabalho informal, desqualificado e invisível (Couto, 2012). Os catadores/recicladores são uma parte fundamental da indústria da reciclagem no país, mas, apesar disso, enfrentam todo tipo de entrave para realizar seu trabalho de forma organizada e obter reconhecimento e apoio. Buscamos ao longo do estágio, e agora, com este texto, valorizar esse profissional e mostrar em que condições “as pessoas do lixo” produzem sua existência. Cabe destacar o uso proposital da palavra lixo, que carrega em si significados pejorativos, pois é definido pelos dicionários como “aquilo que deve ser jogado fora”.

Os associados da AREsp sempre nos receberam muito bem, superando rapidamente a desconfiança inicial. Esta desconfiança pode justificar-se pelo fato de estarem habituados a receber muitas visitas pontuais, que raramente retornavam ou lhes proporcionavam alguma devolutiva. Percebemos nitidamente a diferença entre as pessoas que *vão lá* e as pessoas que *estão lá*. Queríamos, contudo, fazer parte do grupo de pessoas que, de alguma forma, *estavam lá*.

O fato de estarmos lá abriu novas possibilidades para ambas as partes. Eles puderam ser vistos e ouvidos de perto. E, para nós, os desdobramentos deste trabalho foram ainda mais significativos em termos de formação profissional e humana. A convivência com os recicladores, as atividades realizadas e o nosso contato direto com o lixo só tiveram sentido por causa de sua repercussão em nossa formação. É o que Larrosa fala sobre o saber da



experiência, como o sentido que atribuímos à experiência – e o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida (2015, p. 33).

A experiência aqui discutida não teria sido tão enriquecedora se não fosse, também, o importante desafio de levá-la de volta à academia. Retornar do campo de estágio/pesquisa com esse apanhado de vivências e reflexões a serem analisadas à luz das discussões pedagógicas possibilitou aproximar a universidade daquela realidade e abrir caminhos para outros trabalhos nesse sentido. Podemos também apontar como importante desdobramento desta experiência a pesquisa de Mestrado sobre a temática, desenvolvida por uma das estagiárias na Faculdade de Educação da USP, intitulada Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadores(as) em São Paulo, concluída em 2012.

Deste modo, a realidade de milhares de brasileiros que se utilizam das sobras alheias para sobreviver passou a ser vista e considerada por, nós, pedagogos, pois pudemos irradiar, via documentário e discussões posteriores, aos nossos pares, e a familiares e amigos. As trajetórias sociais e escolares deste grupo são marcadas por exclusão, rupturas, desenraizamento. Sob o rótulo de “evadidos”, os que abandonaram a escola tornaram-se apenas um número nos relatórios dos órgãos oficiais. Outros, obrigados a trabalhar desde a primeira infância nem sequer conheceram a instituição escolar. É por negação ou ausência que a experiência escolar perpassa a vida dessas pessoas, portanto, não seria possível apreender essa realidade se nós, estudantes de pedagogia e orientador, tivéssemos optado pela educação formal, escolar, para desenvolver o estágio. Por isso afirmamos, fazendo uso da música de Chico Buarque, que tivemos de “fugir da escola pra aprender essa lição”<sup>7</sup>.

### **PEDAGOGY GOES TO THE GARBAGE AND TO PEOPLE WHO WORK WITH GARBAGE: AN INTERNSHIP WITH RECYCLERS**

**Abstract:** In this text we socialize the experience of work conducted with the Hope Recyclers Association, of Florianópolis, SC. The work was part of a supervised internship in the final phase of the pedagogy course at the Federal University at Santa Catarina (UFSC). The methodology used was action-research, with the involvement of students as recyclers. It led to a reflection about what is pedagogical about this work that “goes beyond the school walls,” characterized as a space of non-formal education. This journey from pedagogy to people’s garbage and the close contact with those who conduct this work allowed visualizing how garbage recycling has educational potential as a unique pedagogical element for reflecting on sustainability, the environment, social responsibility, creation-disposal and the education of youth and adults in contexts of social vulnerability. We describe the integration of the students with the recyclers and the learning obtained from this experience. We also show how

---

<sup>7</sup> Música *Meu Refrão*, de Chico Buarque, escrita em 1965.





these workers, although they are at the base of the social pyramid, contribute to environmental preservation by recovering an important quantity of raw material, which is sent to the recycling industry. Finally, we discuss the importance of the realization of curricular internships in non-formal spaces, from the perspective of broadening the university's commitment to its surroundings and to having students expand the range of possibilities for insertion in the world of labor, radicalizing its commitment to the less favored.

**Keywords:** Higher education. Pedagogy Course. Recyclers. Education and Work.

## Referências

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade:** o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento.** Uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

COSTA, F. B. da. **Homens invisíveis:** relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

COUTO, G. C. **Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadores(as) em São Paulo.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Tera, 1977.

FURTADO, J. **Um astronauta no Chipre.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. Documentário. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre. Color. 13 min.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação.* Jan/Fev/Mar/Abr 2002. n. 19

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa.** O neoliberalismo ao ataque do ensino público. Londrina: Planta, 2004.

LOURENÇO, M. D. O lixo das pessoas e as pessoas do lixo. **Cadernos de METEP,** DFE/CFH/UEM, Maringá, a. 3, n. 2, p. 123-135, jan/jul, 1990.



MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro I, volume 1. 30 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

PELANDRÉ, N. L. **Ensinar e aprender com Paulo Freire**: 40 horas 40 anos depois. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

QUARTIERO, E. M.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Educação corporativa**. Mundo do trabalho e do conhecimento: aproximações. São Paulo: Cortez; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2005.

SENGE, P. **A quinta disciplina**: arte e prática da organização que aprende. 8 ed. São Paulo: Best Seller, 2001.

\_\_\_\_\_ et al. **Escolas que aprendem**. Um guia da quinta disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação. São Paulo: Bookman: Porto Alegre: Artmed, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

WESCHENFELDER, R. **A linguagem do vídeo**. Florianópolis: Guarapuvu, 2009.